Artigo[*]

Desafios da Inclusão das Crianças com Necessidades Especiais[•] **-** Vicente José Assencio-Ferreira[♥]

As crianças com necessidades especiais constituem um grupo bastante heterogêneo que inclui portadores de deficiências dos órgãos dos sentidos (cegueira e surdez), deficiências físicas (mutilados físicos por trauma ou como resultado de alterações fetais), deficiências neurológicas (paralisia cerebral, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, entre outras), síndromes genéticas (Down, Cornélia-de-Lange, entre outras) e desajustes emocionais (distúrbios reativos de conduta ou psicoses). Podem ser incluídas nesse grupo crianças cronicamente doentes, como as portadoras de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), malformações cardíacas, entre outras.

Uma característica comum a essas crianças é a curiosidade que despertam por serem diferentes. As diferenças podem ser evidentes logo à primeira vista ou só após um contato mais íntimo, ao conversar ou brincar com elas.

As crianças normais têm mais habilidade em lidar com essas diferenças. Ficam curiosas, mas se contentam com respostas evasivas como “eu nasci assim” ou “eu tenho uma doença”. Nas escolas, a criança com necessidade especial é bem aceita pelos colegas, que passam a ser “tutores” para as atividades, auxiliando na conquista de novos conhecimentos. Por isso, a inclusão dessas crianças na escola regular parece ser o meio mais favorável para que a deficiência possa ser inserida de maneira integral.

Para os adultos, pais de crianças normais, a aceitação é mais difícil, pois temem que o “defeito” possa passar de uma pessoa para outra, que o “diferente” possa atrapalhar o desenvolvimento escolar do seu filho. Veladamente, mostram-se temerosos e preconceituosos; até

[*] Texto publicado no Boletim Informativo Psicopedagogia, edição de maio, junho, julho e agosto de 2006.
[•] Este artigo é um recorte do prefácio do livro *O que todo professor precisa saber sobre neurologia*, Pulso Editorial, 2005.
[♥] Doutor em Medicina e professor de Neurologia e Neuroanatomia.

admitem que a “criança especial” deva ter uma vida escolar normal, mas em outra sala de aula que não a do seu filho.

O(A)s professore(a)s do ensino fundamental admitem que não é adequado colocá-las em sala à parte, pois já basta o preconceito que sofrem fora da escola. A criação de uma sala de aula especial acaba por sugerir, às crianças normais, que aquela é a sala dos “louquinhos”, dos “retardados”. Entretanto, ele(a)s argumentam que não têm preparação para lidar com crianças tão diferentes, esquisitas e com problemas de saúde que podem necessitar de um cuidado que não sabem dar.

As dificuldades incluem: “É preciso desenvolver um trabalho paralelo parecido com o da sala de apoio”; “A sala de aula tem muitos alunos e existem diferenças de níveis de aprendizagem, além de infraestrutura e condições materiais não adequadas”; “Existe oscilação na freqüência dos alunos; falta de participação dos pais no acompanhamento; falta de clareza na escola sobre o papel da sala”.

No entanto, nem tudo é espinho. Existem rosas: “Eu acho que, para eles, essa sala é um paraíso”; “É um trabalho maravilhoso, que só tem ajudado o(a) professor(a)”; “As características especiais deles devem ser tratadas dentro da sala de aula para o desenvolvimento das suas potencialidades”.

A inclusão é um fato incontestável que ninguém irá deixar de reconhecer como fundamental para tentar construir uma criança que se encontra em situação especial. Ela não pode ser vítima de um novo evento: o preconceito! Também é incontestável que é preciso oferecer aos profissionais que lidam com estas crianças - em especial o(a)s professore(a)s do ensino fundamental - condições mínimas de entendimento do que representam as deficiências, para que possam reconhecer o momento em que devem ser utilizados cuidados diferenciados.

A questão está colocada! Incluir é o correto e o necessário. Não existe possibilidade de se voltar atrás! Já que o mal é inevitável... relaxe, sorria e mãos à obra! É preciso estar preparado para lidar com estas crianças com necessidades especiais. Não basta utilizar o sexto sentido e fazer aquilo que parece ser o certo. É preciso fazer o certo!

Para tanto, temos que criar mecanismos de diagnóstico preciso, melhor formação para os profissionais da área da educação, professore(a)s mais cientes do seu papel na sociedade, adultos menos preconceituosos e com maior solidariedade. Com muito trabalho pela frente, só tem um jeito

de chegar ao fim: começar em busca da mudança; adaptar-se até estar totalmente preparado; estudar, adquirir competência, reciclar e... não desistir!

Não esqueça! Inclusão escolar não é só para alunos deficientes. Na verdade, é uma rua de duas mãos, com benefícios para todos. Ensinar é confrontar-se com um grupo heterogêneo, do ponto de vista das atitudes, da escola, da cultura, dos projetos, das personalidades.